

## Ode à imaginação – Celso Gutfreind\*

Às vezes, à la Bandeira, fico pensando humildemente nas mulheres que eu amei. E nesta hora sempre comparece à lembrança aquela que, passados todos esses anos, eu nunca deixei de amar: Eugênia Grandet. Pronuncio o seu nome com a minha própria língua, a mesma que tanto a beijou, em minha verdadeira imaginação. Eugênia e eu conhecemo-nos no final dos anos Setenta, quando eu ainda era um adolescente, e ela, quase também. Meus hormônios estavam no auge, e passávamos noites de amor ardente, sem nem precisar da beleza das palavras de seu verdadeiro pai, o meu futuro sogro, Monsieur Honoré de Balzac. À época, paradoxalmente, era um caso de língua e não era.

Na década seguinte, segui amando Eugênia, se bem que o nosso amor já havia se tornado mais frásista, no contexto do estilo rebuscado de seu pai. Mas ainda havia momentos de silêncios alternados com gemidos, e eu sabia esperar o momento em que enfrentaria aquele avaro para fugir com a sua filha. Os nossos corpos ainda eram crivados de hormônios. Anos depois, assisti aquela que foi para mim a sua primeira transposição ao cinema. Eugênia estava linda, mas muito menos do que era de fato, ou seja, no meu filme interior, onde tinha mais pernas, mais braços, mais tudo.

Nos anos Noventa, o nosso amor começou aos poucos a se tornar menos carnal, mas a paixão permaneceu intacta. E, ainda hoje, amo Eugênia Grandet, como amava no começo. Pouco importa se andamos mais no pensamento. É impossível compreender quem considera inexistente esse amor, justo aqueles que me acusam de lunático, utópico ou algo assim. Duvido que tenham vivido casos intensos como o nosso. Ou o de Emily Dickinson, aquela que amou o mundo reclusa em seu quarto, e que já mencionei como um argumento, depois desisti. Invejosos falantes não merecem o desgaste de uma língua que tanto beijou Eugênia, ontem e sempre. Hoje sei que a realidade matou, um a um, os seus amores, e eles não suportariam saber do nosso, que está intacto.

Sempre que o pai avaro de Eugênia volta a morrer e ela visita o primo que a trocou por interesse, no exato momento em que ela decide viajar pelo mundo, não tenho dúvidas de que está voltando para mim. E eu nunca desisti de esperá-la.

- Psicanalista e escritor